



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

## A peregrinação de Setembro 13

Com um céu nublado e uma temperatura amena, realizou-se no dia 12 do mês passado a procissão das velas, na Cova da Iria. Foi, como sempre, mas desta vez

porventura mais do que nunca, uma tocante manifestação de fé e piedade feita num ambiente de silêncio e de recolhimento sumamente edificantes. Nela tomaram parte mais de duzentos peregrinos espanhóis procedentes de Madrid, Barcelona, Salamanca, Valência e outras cidades da Nação vizinha.

A peregrinação espanhola foi organizada pelos rev.ºs Padres Dominicanos de Salamanca, presi-

grupos os respectivos párcos, os rev.ºs Monsenhor António José Moita, P. António Patrício, P.º Celestino de Almeida Branco e P.º Joaquim da Silva Monteiro.

Entre os peregrinos dos dois países viam-se muitos religiosos e religiosas de diversos Institutos envergando os seus hábitos.

É quasi meia-noite. O imponente cortejo nocturno terminou com o canto do *Credo*. Principia então a adoração geral do Santís-

sidade de uns e outros cumpriram integralmente os seus deveres de cristãos de fé e mandamentos e o milagre assombroso e incomparável que é a Fátima, fonte de benefícios espirituais e temporais para as duas Pátrias.

Das 2 às 6 horas, fizeram os seus turnos privativos de adoração as peregrinações do Estoril, do Carvalhido e de Tavira.

Dada a bênção eucarística e encerrado o Santíssimo às 6,30 horas, o rev. Cónego António de Campos, párcoco da freguesia da Lapa, de Lisboa, começa, às 7, a Missa da comunhão geral para os peregrinos portugueses e o rev. P.º Casimiro Puig, às 9, para os peregrinos espanhóis, fazendo nesta uma prática o Senhor Bispo de Salamanca.

As 8,30 h., celebrou a sua primeira Missa, na Capela do Carmelo, o rev. P.º Carlos Rodrigues, de Évora, e, às 10 h., na Capela das Aparições, o rev. P.º António Pereira Amante, de Portalegre.

As 11,30 h., rezado em comum o terço junto da Santa Capela, efectuou-se a primeira procissão. A Imagem de Nossa Senhora da Fátima é conduzida aos ombros de peregrinos espanhóis para o altar exterior da Basílica. A multidão imensa, fremente de entusiasmo e de comoção, saúda a Rainha do Céu acenando com milhares de lenços.

Em seguida principia a Missa dos doentes que é celebrada pelo Senhor Bispo de Salamanca e oferecida, de modo particular por Portugal e Espanha. Ao Evangelho, o rev. P.º Jaime Parceriza faz a homilia em língua Castellhana. O tema que versa é o do amor maternal de Maria Santíssima para com as duas nações vizinhas e irmãs que a levou a conceder-lhes graças extraordinárias a que devemos corresponder vivendo sempre como bons cristãos.

Terminada a Missa, o venerando celebrante desce às esplanada e dá a bênção com o Santíssimo Sacramento a cada um dos duzentos doentes inscritos. Nas primeiras filas estão os grandes enfermos deitados em macas ou sentados em carros de mão.

Entre eles chama particularmente a atenção pela sua idade e pela gravidade extrema do seu estado uma menina de Santarém, de nome Maria do Rosário Alves Martins, de 20 anos de idade, filha do sr. dr. Joaquim Alves Martins, notário naquela cidade. Atacada de tuberculose pulmonar em último grau e sofrendo imen-

### ACÇÃO CATÓLICA

## Palavras

É facto averiguado que a maioria das pessoas possui tendência decidida para a maledicência.

Certas conversas que, longe da crítica, se arrastam mortificamente, logo se animam e inflamam, quando tomam o rumo daquela mordacidade implacável que, freqüentemente, não poupa sequer os amigos.

Algumas vezes ensombra-se a reputação alheia com palavras agressivas e duras. Dir-se-ia que a salvação do mundo depende dessa tempestade de pedradas.

Com palavras mansas e insidiosas, que parecem fruto de muita amizade, faz-se, outras vezes, ainda maior mal. Na sinfonia de louvores quentes intromete-se uma adversativa insidiosa, um *mas* comprometedor, uma reserva imposta, diz-se, pela justiça, que destroem totalmente todo o bem que se dissera.

Esopo tinha razão em afirmar que nada há de melhor ou de pior do que a língua, pois tudo depende do uso que dela se fizer.

As vezes, muitas vezes, para se lançar a dúvida ou o descredito sobre a reputação dos outros, não são necessárias palavras. Bastarão vagas reticências, significativo encolher de ombros, leve sorriso de dúvida, silêncios profundos e prudentes, para se fazerem revelações ou insinuações injustas ou impiedosas.

Parece que há um gosto irresistível, se não de difamar, ao menos de diminuir o merecimento ou até a virtude dos outros.

Serão muitas as causas do facto, mas sempre se encontrará o interesse que, para desfazer-se de um rival, lança mão deste meio condenável; ou a inveja, que não consente que os outros subam sem que logo se sinta ferido o amor próprio; a leviandade que, para fazer espírito, não respeita mesmo a amizade; algumas vezes o desejo de apoucar, por apoucar, o que representa já estranha anomalia.

Quando se cultiva o desporto da crítica mordaz, nada se poupa. Os próprios superiores não escapam a este jôgo de mau gosto, que é deplorável e corrosivo. Com freqüência, serão eles até o objecto principal da mordacidade. Todos os seus actos, e palavras, e atitudes se julgarão com rigor sombrio e inexorável.

Se fôssem esses austeros censores a mandar... Então sim, modificar-se-ia, de pronto, a face da terra.

Ora, muitas vezes, as obras que realizam são tão subtis, tão imponderáveis, que não há maneira de se lhes medirem nem a grandeza, nem o alcance. Afinal, todo o poder de realização se resume em criticar a obra alheia.

Prouvera a Deus que nunca se usassem tais processos entre associados da Acção Católica nem entre quaisquer fiéis cristãos.

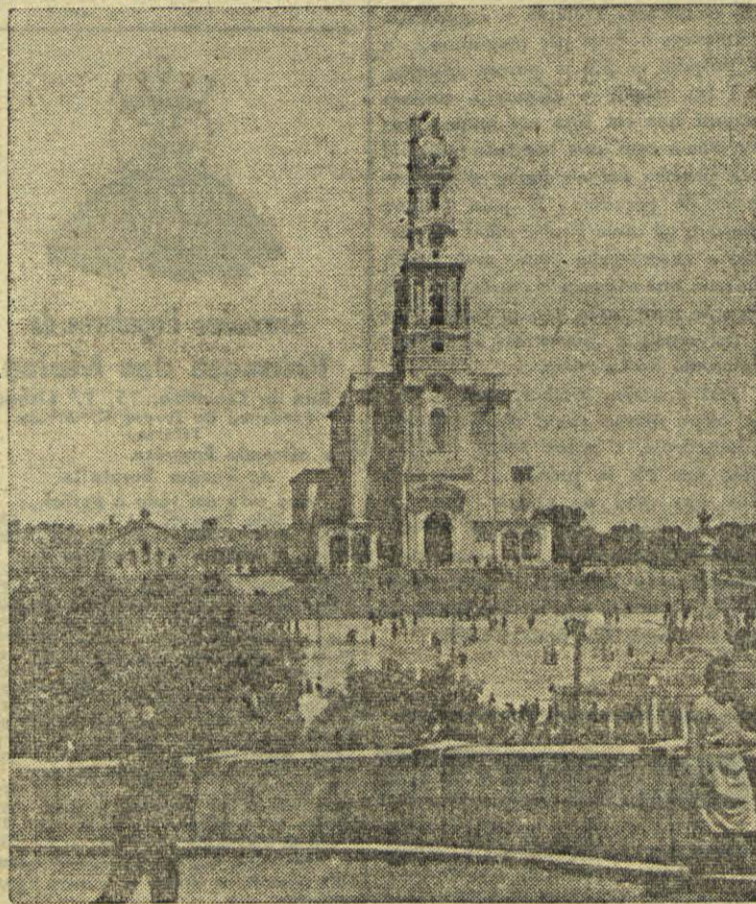
Mas ele há tantas reuniões, elegantes, até rotuladas de apostolado, onde se tem em tão pouco aprêço o bom nome dos nossos irmãos... onde ficam a escorrer sangue a caridade e até a justiça!...

Defeitos leves? Pecadilhos sem importância? Não são leves os defeitos desta natureza, nem sem importância tais pecados.

Quem não sabe que é freqüente ir-se muito longe na criação de factos que nunca se deram, na deturpação e aumento de acções que se poderiam desculpar com facilidade, na divulgação de actos sobre os quais devia guardar-se sigilo rigoroso?

E se pensássemos que somos todos irmãos? E se reflectíssemos nas nossas próprias fraquezas? E se nos lembrássemos da palavra do Senhor, segundo a qual seremos julgados na medida em que julgarmos os outros?

† MANUEL, Bispo de Helenópolis



Vista de frente da Basílica no seu estado actual. Encimará a torre uma grande coroa de bronze e sobre ela uma cruz luminosa

dida pelo Senhor Bispo da Diocese, de Salamanca, Dr. D. Manuel Barbado, da mesma Ordem, e dirigida pelo rev.º P. Parceriza, capelão da Hospitalidade de Nossa Senhora de Lourdes, daquela cidade.

Entre os peregrinos do país vizinho contavam-se quinze doentes, os primeiros de uma peregrinação estrangeira organizada que vieram implorar as graças e as bênçãos de Nossa Senhora da Fátima.

Na procissão das velas incorporaram-se vários grupos de peregrinos portugueses: o do Estoril com 34 pessoas, o de Tavira com 30, o de Espinhel (Águeda) com 24, o de Bom Jesus de Barrosas (Felgueiras) e o da freguesia de Carvalhido, da cidade do Porto, além de outras. Dirigiam esses

simo Sacramento solenemente exposto no altar do pavilhão dos doentes. É oferecida por todo o mundo, especialmente por Portugal e Espanha. Reza-se o terço do Rosário e meditam-se os mistérios gloriosos. Comovem sobremaneira o respeito, o silêncio e o recolhimento de que todos os peregrinos, portugueses e espanhóis, dão visível testemunho.

A pregação, bilingue, é feita alternadamente por um sacerdote português, rev. P.º Manuel Dias da Costa, abade da Foz do Douro, e dois espanhóis, os revs. Padres Puig, do clero secular, e Babelle, da Ordem de S. Domingos. Os pregadores recordam as graças dispensadas pela Santíssima Virgem às duas nações da Península, a devoção dos portugueses e espanhóis para com Ela, a neces-

(Continua na 2.ª página)





